



FILHOS E FILHAS DA LINHAGEM DE BUDDHAS PELA MÃE SABEDORIA: A LINGUAGEM INCLUSIVA E O FEMININO NA VOZ DO SUTRA DO CORAÇÃO DA PERFEIÇÃO DE SABEDORIA, BHAGAVATĪ PRAJÑĀPĀRAMITĀ HṚDAYA SŪTRA*

Estela Piccin**

RESUMO

O Sutra do Coração é um importante sutra budista Mahāyāna. Este artigo investiga os elementos femininos no sutra, o uso da linguagem inclusiva e o que indica sobre a tradição Mahāyāna e as mulheres. Comparando versões de uma perícopes em suas línguas originais, observamos que: o Mahāyāna está correlacionado à imagética feminina dos sutras da *prajñāpāramitā* desde seus primórdios; que o Sutra do Coração é uma composição a partir de sutras maiores da *prajñāpāramitā* para fins mnemônicos; que em algumas versões a ausência da linguagem inclusiva na pergunta de Śariputra e sua presença na resposta de Avalokiteśvara testemunha a posição do Mahāyāna de abarcar as mulheres; que ouvir a voz do sutra como masculina ou feminina é uma questão cultural.

Palavras-chave: Budismo; Mahāyāna; Sutras da *Prajñāpāramitā*; Mulheres no Budismo.

* Agradeço meu professor, Dr. Plínio Marcos Tsai, pela ajuda no desenvolvimento da ideia do artigo, e à minha coorientadora, Dra. Cibele Aldrovandi, por ter feito observações na primeira versão.

** Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2021).. Possui graduação e licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Campinas (2009).



SONS AND DAUGHTERS OF THE LINEAGE OF BUDDHAS BY MOTHER WISDOM: INCLUSIVE LANGUAGE AND THE FEMININE IN THE VOICE OF THE HEART OF THE PERFECTION OF WISDOM SUTRA, *BHAGAVATĪ PRAJÑĀPĀRAMITĀ HṚDAYA SŪTRA*

ABSTRACT

The Heart Sutra is an important Mahāyāna Buddhist sutra. This article investigates the feminine elements in the sutra, the use of inclusive language, and what it indicates about the Mahāyāna tradition and women. Comparing versions of a pericope in their original languages, we observe that: the Mahāyāna is correlated with the feminine imagery of the *prajñāpāramitā* sutras from its beginnings; that the Heart Sutra is a composite of larger *prajñāpāramitā* sutras for mnemonic purposes; that in some versions the absence of inclusive language in Śariputra's question and its presence in Avalokiteśvara's answer testifies to the Mahāyāna's position of embracing women; that hearing the voice of the sutra as male or female is a cultural issue.

Keywords: Buddhism; Mahāyāna; Prajñāpāramitā Sutras; Women in Buddhism.

HIJOS E HIJAS DEL LINAJE DE BUDAS POR MADRE SABIDURÍA: LENGUAJE INCLUSIVO Y LO FEMENINO EN LA VOZ DEL SUTRA DEL CORAZÓN DE LA PERFECCIÓN DE LA SABIDURÍA, *BHAGAVATĪ PRAJÑĀPĀRAMITĀ HṚDAYA SŪTRA*

RESUMEN

El Sutra del corazón es un importante sutra budista Mahāyāna. Este artículo investiga los elementos femeninos en el sutra, el uso del lenguaje inclusivo y lo que indica sobre la tradición Mahāyāna y las mujeres. Comparando versiones de una perícopa en sus idiomas originales, observamos que: el Mahāyāna está correlacionado con la imaginería femenina de los sutras *prajñāpāramitā* desde sus inicios; que el Sutra del corazón es un compuesto de sutras *prajñāpāramitā* más grandes con fines mnemotécnicos; que en algunas versiones la ausencia de un lenguaje inclusivo en la pregunta de Śariputra y su presencia en la respuesta de Avalokiteśvara atestigua la posición del Mahāyāna de abrazar a las mujeres; que escuchar la voz del sutra como masculina o femenina es una cuestión cultural.

Palabras llave: Budismo; Mahāyāna; Prajñāpāramitā Sutras; Mujeres en el budismo.



INTRODUÇÃO

O *Bhagavatī Prajñāpāramitā Hṛdaya Sūtra*, Sutra do Coração da Perfeição de Sabedoria, também chamado apenas Sutra do Coração, ou *Prajñāpāramitāhṛdaya*, é um dos sutras mais importantes da tradição budista Mahāyāna, e decerto o mais recitado nos países onde tal tradição predomina. Esse sutra traz em si muitos elementos femininos, a começar pelos principais conceitos trabalhados no sutra. Um diferencial desse texto e de outros da categoria da *prajñāpāramitā* é o uso da linguagem inclusiva, que menciona “filhos e filhas da linhagem”. Este artigo tem como objetivo investigar os elementos femininos que aparecem no sutra, particularmente o uso da linguagem inclusiva e o que as variações no uso dessa linguagem dentre as diferentes versões do sutra nos indicam sobre a tradição Mahāyāna abarcando as mulheres, bem como cogita a possibilidade de a voz do sutra ser uma voz feminina. Para tal, apresentamos algumas categorias femininas presentes no sutra; introduzimos a importância, abrangência, versões e estrutura do Sutra do Coração; investigamos as variações no uso da linguagem inclusiva no Sutra do Coração; e investigamos a possibilidade de que a voz do principal interlocutor do sutra possa ser ouvida como feminina.

A PERFEIÇÃO DE SABEDORIA COMO MÃE

Uma das características específicas do budismo Mahāyāna é o conceito de *sūnyatā* (vacuidade, vaziedade ou vazio de existência inerente¹), que é objeto da “sabedoria que conhece a realidade”, ou “entendimento da realidade”, *prajñā*. A palavra *prajñāpāramitā* pode ser traduzida como “perfeição de sabedoria”, ou “superação pela sabedoria/entendimento² da realidade”. Na iconografia, a representação personificada

¹ Tanto “vacuidade” quanto “vaziedade” são termos utilizados em traduções para a língua portuguesa, e etimologicamente ambos são válidos. Ao longo do artigo tendo a utilizar “vazio de existência inerente” simplesmente porque estou mais acostumada a ele e porque ele especifica mais sobre qual ausência estamos falando.

² A palavra *prajñā* tem um longo histórico de ser traduzida para a língua inglesa como *wisdom* (sabedoria), porém os especialistas K. L. Dhammajoti e Plínio Tsai, dentre outros, defendem o termo *understanding* (entendimento) como sendo mais adequado para sua tradução, por ser mais precisa em um contexto de estudos de *abhidharma*, com o que eu tenho que concordar. Neste artigo, escolhi adotar o termo “sabedoria” porque também é uma palavra de gênero feminino na nossa língua, o que é importante para este texto.



da *prajñāpāramitā* foi retratada como feminina, e a versão longa do Sutra do Coração traz em seu título o epíteto *bhagavatī* – o feminino de *bhagavant* – que costuma ser traduzido para a língua inglesa como “fortunate”³ – “abençoada”, “afortunada” (Kuala Lumpur DHAMMAJOTI, 2021). A *prajñāpāramitā* é considerada a mãe de todos os budas⁴, isto é, uma das partes essenciais para o surgimento de budas – sendo a outra o método, *upāya*, que é retratada como masculina.

As três palavras-chave supracitadas – *sūnyatā*, *prajñā* e *pāramitā* – são de gênero feminino na língua sânscrita, que possui três gêneros – masculino, feminino e neutro (Kuala Lumpur DHAMMAJOTI, 2021). Mas este não é o único motivo pelo qual tais conceitos são entendidos e representados como femininos no budismo Mahāyāna, uma vez que há outros termos relacionados à sabedoria que são de gênero masculino, como *jñāna*, *abhisamaya*, *adhigama*, *bodha* (José Ignacio CABEZÓN, 1992, p. 183-184). Não aprofundarei aqui os outros motivos pelos quais a sabedoria e o vazio de existência inerente são relacionados ao feminino, tópico que pretendo aprofundar em um artigo futuro. Cito aqui esses detalhes agora para que a leitora ou o leitor tenham em mente que há outras menções ao feminino presentes nessa categoria de textos denominada “Sutras da Perfeição de Sabedoria” para além do que será aqui explorado.

As origens da tradição Mahāyāna como tal – o “Grande Veículo” ou “Veículo Universal” – ainda são objeto de investigação e debate acadêmico, e já introduzi o assunto brevemente em outro artigo⁵. Mas fato é que a primeira vez que se encontra a palavra “*mahāyāna*” em um sutra para denominar essa tendência que se desenvolvia cada vez

³ Recentemente vim a aprender que a escolha do termo *fortunate* para a tradução de *bhagavant* e *bhagavatī* pode ser questionada, mas tal discussão não cabe aqui.

⁴ Aqui, por uma questão de simplificação, utilizo a palavra aportuguesada “budas”, com letra minúscula e plural, para me referir genericamente a uma coletividade de budas, e não a um Buda individual e específico. A saber, não existe distinção entre maiúsculas e minúsculas em sânscrito, bem como o plural é indicado por outras maneiras que não o acréscimo de “s”.

⁵ PICCIN, Estela. Os primórdios do Mahāyāna na Cultura Visual Budista de Gandhāra. **Prajna**: Revista de Culturas Orientais. vol. 1, n. 1, p. 177-205, julho./ dezembro., 2020. Disponível em: <https://revistaprajna.com/ojs3/index.php/prajna/article/view/10/12>. Acesso em: 27 fev. 2021.



mais dentre praticantes budistas, é no *Aṣṭasāhasrikā Prajñāpāramitā Sūtra*, o Sutra da Perfeição de Sabedoria em Oito Mil Linhas – datado de 1 a.C. a 1 d.C. –, que também defende a imagem ideal de praticantes como sendo a de *bodhisattvas*, ou seja, aqueles que se colocam em treinamento para atingirem o insuperável e completo despertar (o estado de *samyaksambuddha*), e que se propõem a demorar o tempo que for necessário em meio ao sofrimento, renascendo quantas vezes forem necessárias, para levar todos os seres ao completo despertar (Kazuaki TANAHASHI, 2014, p. 56). Nisto, vemos que o Mahāyāna está atrelado à *prajñāpāramitā* não apenas conceitualmente, como também a *prajñāpāramitā* está atrelada à gênese do Mahāyāna enquanto um movimento relativamente organizado de pessoas que dá nome a si mesmo.

IMPORTÂNCIA E ABRANGÊNCIA DO SUTRA DO CORAÇÃO

Em 663 o monge peregrino chinês Xuanzang fez uma tradução de todas as escrituras disponíveis da categoria da *prajñāpāramitā*, o que se transformou na massiva obra de 600 fascículos, chamada de *Mahā Prajñāpāramitā Sūtra*, o Grande Sutra da Perfeição de Sabedoria, conhecido apenas como Grande Sutra. (Kazuaki TANAHASHI, 2014, p. 56-57). Nesse período os textos ainda eram manuscritos, e Xuanzang liderava um time de tradutores e copistas.

A mais antiga cópia sobrevivente de um livro impresso no mundo é do *Vajracchedikā Prajñāpāramitā Sūtra*, o Sutra do Cortador de Diamantes, datada de 868, descoberta em uma das cavernas de Dunhuang, na Rota da Seda, em 1907. A encomenda de blocos de madeira para a impressão do *tripiṭaka*⁶ foi feita pelo imperador da dinastia Song chinesa em 971 e completada em 983, e possivelmente mais de um sutra da *prajñāpāramitā* se encontravam lá. Em 1054 uma das tribos da Manchúria, os Khitan, completou a impressão de um cânone budista em língua chinesa, cujo conteúdo já se perdeu; mas no índice, que sobreviveu, consta o Sutra do Coração. Essa versão manchu do cânone foi a base para o sutra esculpido em pedra no atual Monte Danjing em Henan, e a fricção da pedra mostra que o texto é uma transliteração da versão do

⁶ *Tripitaka* significa “três cestos” no sentido de “três categorias”, e faz referência à principal classificação de todo o cânone budista.



Sutra do Coração de Maitribhadra, um monge do nordeste da Índia que foi para Khitan no início do século 10. Com isso, vemos que os sutras da *prajñāpāramitā* em geral e o Sutra do Coração da *Prajñāpāramitā* em específico, estão em impressão há mais de ou há cerca de mil anos. (Kazuaki TANAHASHI, 2014, p. 42)

O *Bhagavatī Prajñāpāramitā Hṛdaya Sūtra*, Sutra do Coração da Perfeição de Sabedoria, resume os pontos principais de sutras mais extensos da *prajñāpāramitā* (de 8 mil, 25 mil, 100 mil linhas, e assim por diante), e decerto é a escritura mais recitada no budismo Mahāyāna:

Consideradas uma expressão da mais alta experiência de não-dualidade, as escrituras do Prajna Paramita foram transmitidas, recitadas, explicadas e comentadas com grande devoção na China, Coréia, Japão e Vietnã, bem como no Tibete, Nepal e Mongólia. Elas são usadas como textos para estudos filosóficos e como ferramentas para recitação repetitiva na meditação. Mas os próprios livros também são frequentemente colocados em altares e reverenciados como objetos sagrados. Flores e incenso, bem como orações para remover influências negativas, são frequentemente oferecidos a eles (Kazuaki TANAHASHI, 2014, p. 57, tradução nossa)⁷.

O sutra tem uma versão curta – mais comum no leste asiático, ou seja, China, Japão, Coreia e Vietnã – e uma versão longa – mais comum na região dos Himalaias, ou seja, Tibete e Nepal, incluindo a Mongólia e a Rússia, herdeiras da tradição tibetana; mas há mais de uma versão, tanto da curta quanto da longa (Kazuaki TANAHASHI, 2014).

Em 1992, a tradutora Jan Nattier discutiu a autenticidade do Sutra do Coração, sugerindo que se tratava de um texto apócrifo chinês, uma vez que sua estrutura possui características próprias que não seguem o padrão de um sutra. No entanto, a resposta dos leitores chineses foi abafada devido à inacessibilidade do idioma chinês para os leitores ocidentais, conforme esclarecido por Chin Shih-Foong em 2018:

Por esta razão, e também pelo fato de não ter obtido autorização para a tradução integral, o Prof. Ji Yun 纪贇 recorreu à tradução de

⁷ Considered an expression of the highest experience of nonduality, the Prajna Paramita scriptures have been transmitted, recited, explained, and commented upon with great devotion in China, Korea, Japan, and Vietnam, as well as in Tibet, Nepal, and Mongolia. They are used as texts for philosophical studies and as tools for repetitive recitation in meditation. But the books themselves are also often placed on altars and worshipped as sacred objects. Flowers and incense as well as prayers to remove negative influences are frequently offered to them.



trechos da obra seminal para o chinês. (...) Por exemplo, o autor apresentou a pesquisa do pouco conhecido Shen Jiu Cheng, sendo que algumas de suas observações são notavelmente anteriores às de Nattier. (...). No final, o autor apresentou evidências convincentes para mostrar que o Sutra do Coração chinês não é um *sūtra*, mas um *dhāraṇī*, sua natureza sendo a de um “extrato de *sūtra* copiado”, aparecendo pela primeira vez no pico da dinastia Tang [início do séc. 8], como um texto tântrico para fins mnemônicos. Como não é um *sūtra*, a questão de sua “apocrifidade” nem mesmo se aplica. (Chin SHIH-FOONG, 2018, p. 1, tradução nossa)⁸

Ou seja, o Sutra do Coração é uma composição curta feita na China a partir de trechos do Grande Sutra (Kazuaki TANAHASHI, 2014, p. 59), que por sua vez une muitas escrituras da *prajñāpāramitā* que foram traduzidas por Xuanzang. Tal composição também contém elementos encriptados, e foi feita para fins não apenas de estudo, mas também de memorização e recitação; e pode-se dizer que foi efetiva, dada sua importância até hoje dentre praticantes Mahāyāna.

VERSÕES E ESTRUTURA DO SUTRA DO CORAÇÃO

Muitas traduções chinesas de escrituras budistas sobreviveram na forma impressa, mas a maioria dos manuscritos em sânscrito se perdeu. O mais antigo manuscrito do Sutra do Coração em sânscrito que sobreviveu é uma cópia que ficou guardada no monastério de Horyu, próximo a Nara, no Japão, e que agora está no Museu Nacional de Tóquio, e que aparentemente foi copiada na segunda metade do século 8 (Kazuaki TANAHASHI, 2014, p. 65).

⁸ For this reason, and also for the fact that he did not obtain authorisation for full translation, that Prof. Ji Yun 纪贇 resorted to translating excerpts of the seminal work into Chinese (§2). While the English readers may benefit more of this part by consulting the original work directly, they may find the rest of Ji’s work of considerable value especially where Chinese sources are drawn upon. For instance, the author presented the research of the little-known Shen Jiu Cheng (§7), some of whose observations remarkably predated Nattier’s. Perhaps the greatest value lies with Prof. Ji’s research on ancient Chinese Buddhist bibliographies (§8), which might otherwise be inaccessible to the English readers. In the end, the author presented convincing evidence to show that the Chinese Heart Sūtra is not a sutra but a *dhāraṇī*, its nature a — copied sutra extract, first appearing at the peak of Tang, as a tantric text for mnemonic purposes. Since it is not a sutra, the question of its — apocryphal-ness does not even apply.



De acordo com Kazuaki Tanahashi, há três traduções chinesas do Sutra do Coração que se perderam, conforme listadas por antigos estudiosos chineses: por Zhiqian⁹ (ca. 223), *Prajñā Pāramitā Mantra Sūtra*, texto curto; por Bodhiruchi¹⁰ (chegou na China em 693), *Prajñā Pāramitā Namas Sūtra*, possivelmente texto curto; por Shikshananda¹¹ (652–710), *Sutra do Coração Essencial da Grande Prajñā*, possivelmente o texto longo (2014, p. 62). As sete versões chinesas que sobreviveram fazem parte do Taishō Tripitaka:

Tabela elaborada pela autora a partir das informações de TANAHASHI, 2014, p. 61; 246; 235-241.

VERSÃO	TRADUTOR	PERÍODO	TÍTULO
Texto curto	Kumarajiva 鳩摩羅什	chegou na China em 401	Sutra do Grande Dhāraṇī da Mahā Prajñā Pāramitā, Taishō 250.
	Xuanzang 玄奘	tradução em 649	Sutra do Coração da Prajñā Pāramitā, Taishō 251.
	Yijing 義淨	631 - 713	Sutra do Coração da Prajñā Pāramitā, (Questionável, uma vez que o texto é praticamente idêntico à versão Xuanzang).
Texto longo	Dharmachandra 法月	chegou na China em 732	Tesouro de Sabedoria Universal do Coração da Prajñā Pāramitā Sutra, Taishō 252
	Prajna 般若 e Liyan 利言	tradução em 790 ou 792	Sutra do Coração da Prajñā Pāramitā, Taishō 253
	Chosgrub 法成	760?-860	Sutra do Coração da Prajñā Pāramitā, Taishō 255
	Prajnachakra 智慧輪	século 9	Sutra do Coração da Prajñā Pāramitā, Taishō 254
	Danapala 施護	chegou na China em 980	Mãe Sagrada de Budas Coração da Prajñā Pāramitā Sutra, Taishō 257

⁹ Ou Zhi Qian, 支謙 (zhī qiān).

¹⁰ Ou Bodhiruci, 菩提流支 (pú tí liú zhī).

¹¹ Ou Śikṣānanda, 實叉難陀 (shí chā nán tuó).



Chamo a atenção para o último título, de fins do século 10, que traz a *prajñāpāramitā* como a “Mãe Sagrada de Budas”.

Já as versões tibetana e mongol do Sutra do Coração existem apenas na versão longa. A diferença entre a versão longa e a curta é que a versão longa inclui um prólogo que começa com uma breve frase de homenagem à *prajñāpāramitā* e adentra com a típica frase de sutras budistas “Assim escutei certa vez”¹², introduz os participantes da narrativa, a localização geográfica e a pergunta do venerável Śariputra, inspirada pelo Buda, que leva o *bodhisattva* Avalokiteśvara a discursar a respeito de como treinar na *prajñāpāramitā*. A versão curta começa já com o *bodhisattva* Avalokiteśvara observando que os cinco agregados¹³ são vazios de existência inerente, e ensinando a respeito para o venerável Śariputra. A versão curta termina com o mantra, já a versão longa tem uma conclusão após o mantra, na qual Avalokiteśvara afirma que se deve treinar dessa maneira, o Buda elogia a explicação de Avalokiteśvara e reafirma o modo de treinamento, e todos os presentes, humanos e não-humanos, se regozijam com as palavras do Buda¹⁴.

Edward Conze coletou várias cópias em sânscrito do Hridaya [Coração] mais curto e mais longo e incluiu um estudo comparativo crítico meticuloso e conciso de doze manuscritos existentes em sua aclamada coleção de ensaios *Thirty Years of Buddhist Studies*. Um manuscrito – o *Cambridge Text* – tem uma data sugerida por volta do século 12. Cinco outros são presumivelmente datados do século 17 ao 19 (Kazuaki TANAHASHI, 2014, p. 68, tradução nossa)¹⁵.

¹² *evaṃ mayā śrutam* – a grande maioria dos sutras começa com essa frase, de maneira a remeter ao fato de que o Venerável Ānanda recitara os sutras no primeiro concílio da maneira como ele havia ouvido do Buddha Śākyamuni.

¹³ Os cinco agregados, *panca skandha*, por vezes chamados na atualidade de “agregados psicofísicos”, podem resumidamente ser chamados de “corpo e mente”, e são cinco fatores interdependentes que compõem o que nós chamamos de pessoa: *rūpa* (forma/matéria), *vedana* (sensação), *saṃjñā* (discriminação), *samskāra* (fatores de composição ou fatores volitivos), *vijñāna* (consciência dual).

¹⁴ Recitações mais completas também podem incluir homenagens à *prajñāpāramitā* antes do sutra e preces específicas ao final, que foram compostas por Asaṅga no século 4.

¹⁵ Edward Conze collected a number of Sanskrit copies of the shorter and longer Hridaya and included a painstaking and concise critical comparative study of twelve extant manuscripts in his acclaimed essay collection *Thirty Years of Buddhist Studies*. One manuscript — the *Cambridge Text* — has a suggested date of around the twelfth century. Five others are presumed to date from the seventeenth to nineteenth century.



Ainda assim, as versões longas do sutra são difíceis de se encontrar em comparação com as versões curtas. Aqui lançarei mão da tradução cotejada para o português de Plínio Marcos Tsai, da tradução do tibetano para o inglês de Jay Garfield, da versão sânscrita do manuscrito nepalês conforme transliterada por Edward Conze, a versão longa chinesa apresentada por Tanahashi, bem como a comparação entre seis versões em sânscrito por Masamichi Fujita 藤田眞道.

FILHOS E FILHAS DA LINHAGEM

A perícopa que nos interessa faz parte da introdução da versão longa do Sutra do Coração:

Então, pelo poder de Buddha, o Venerável Sariputra perguntou ao Bodhisattva, ao Mahasattva, ao Superior Avalokitesvara:

“Como deve fazer qualquer filho ou filha da linhagem que desejar treinar a profunda perfeição de sabedoria?”

Assim ele falou e o Bodhisattva, o Mahasattva, o Superior Avalokitesvara respondeu ao Venerável Sariputra:

“Sariputra, qualquer filho ou filha da linhagem que desejar praticar a profunda perfeição de sabedoria deve observar do seguinte modo: eles devem observar corretamente que aqueles cinco agregados também são vazios de existência inerente” (Plínio TSAI, 2016).

O que chama nossa atenção nesse trecho do sutra é que não apenas os filhos, mas também as filhas da linhagem podem desejar praticar e se engajarem na prática da profunda perfeição de sabedoria. Deve-se entender aqui que as palavras “linhagem” e “filhos e filhas” é uma linguagem figurada que diz respeito a “tornar-se parte da família dos Buddhas e Bodhisattvas” por treinar nos mesmos treinamentos que eles e atingir as realizações, beneficiando a si e a todos. Conforme comentário do XIV Dalai Lama sobre o Sutra do Coração:

Essa referência aos “nobres filhos e nobres filhas” significa literalmente os filhos e filhas da linhagem (*rig* em tibetano), ou da família, o que, em geral, pode ser entendido como alguém que despertou sua natureza de Buda, o potencial inato para a iluminação. No texto, contudo, a referência subentendida refere-se aos três tipos de seres



que realizam os três tipos de iluminação – um *śrāvaka* (“ouvinte”), um *pratyekabuddha* (“realizador solitário”) e um buda. Especificamente, a referência subentendida é alguém cuja inclinação espiritual volta-se para o caminho do bodhisattva rumo ao estado de buda; alguém que desperta para tal inclinação por meio do cultivo de grande compaixão (XIV Dalai Lama BSTAN-‘DZIN-RGYA-MTSHO, 2006, p. 75).

Essa linguagem inclusiva não é exclusiva do Prajñāpāramitāhṛdaya, ela também aparece em outros Suttas da Prajñāpāramitā, tal como os já mencionados Vajracchedikā, e Aṣṭasāhasrikā, sendo que este último já tem no mínimo 2022 anos de idade.

Isso não significa que no período em que tais sutras surgiram as mulheres budistas tivessem todo o apoio e suporte para sua prática, como seria desejável – uma vez que o Buddha estabeleceu a ordem monástica feminina, e uma comunidade completa é composta por monges, monjas, leigos e leigas –, pois sabemos que ao longo do tempo a equanimidade entre gêneros não se desenvolveu como esperado¹⁶. Mas esse é um forte indicativo de que, a despeito de muitos indícios de misoginia, havia também aqueles que apoiavam a igualdade de acesso e de capacidade, particularmente no âmbito Mahāyāna, conforme explica Rita Gross:

Ao mesmo tempo em que doutrinas anti-mulheres mais extremas começaram a ser difundidas, outros argumentaram o ponto de vista oposto com igual veemência. Alguns textos são bastante anti-mulheres, mais do que a norma para textos do budismo indiano primitivo. Mas outros textos, especialmente em escritos completamente Mahayana, vão muito mais longe na proclamação das capacidades das mulheres do que quase qualquer texto do budismo indiano primitivo. Por várias razões, quando a divisão entre as formas mais antigas de budismo e o budismo Mahayana se tornou clara, aqueles que argumentavam que as mulheres poderiam ter grandes *insights* religiosos e realizações espirituais estavam geralmente no campo Mahayana. O campo Mahayana também incluiu alguns que expressaram atitu-

¹⁶ A respeito da ordenação budista feminina, ver FRANÇA, Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de. **GURUDHARMAS: Processos de construção e corrupção do cânon referente às obrigações de monjas budistas iniciantes.** 2020. 149 folhas. Dissertação (Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.



des bastante negativas em relação às mulheres. Mas ninguém que defendeu fortemente as qualidades positivas das mulheres parece estar no campo das formas mais conservadoras e antigas de budismo. Essa divisão de longa data sobre as questões femininas é importante hoje, pois é difícil evitar a impressão de que as formas Mahayana do budismo fornecem um terreno mais adequado para mulheres praticantes sérias e uma transvaloração feminista do budismo do que as formas Theravada¹⁷ (Rita GROSS, 1993, p. 57, tradução nossa)¹⁸.

Ainda, sobre a linguagem inclusiva:

Em primeiro lugar, encontra-se um uso sutil, mas bastante difundido, de linguagem inclusiva e específica de gênero em muitos textos Mahayana. Às vezes, quase se podia imaginar que algum editor, sensível a questões de linguagem inclusiva de gênero, tivesse enviado uma declaração política exigindo evitar o masculino genérico. Frequentemente se lê sobre “boas filhas” assim como “bons filhos”.

¹⁷ Sobre as representações femininas no budismo Theravāda, ver: CROSBY, Kate. *Gendered Symbols in Theravada Buddhism: Missed Positives in the Representation of the Female* (--). *Hsuan Chuang Journal of Buddhism Studies* (), n. 9, March 2008, p 31-47.

¹⁸ Later, with growing divergence in the Buddhist world, anti-women opinions and rhetoric became more prevalent. The nuns' order could not be abolished, but attainments for women could be curtailed. It could be claimed that Buddhas always embody as males, that all important slots in hierarchy and mythology must be filled by males, and even that women could not win enlightenment. Such hardened, anti-women doctrines, which are quite different from the misogynist outbursts of a frustrated monk, were probably not characteristic of early Buddhism. But they became quite common by the time Buddhism was starting to split apart. Some even blamed the split itself on the presence of the women's order, as we have already seen. At the same time that more extreme anti-women doctrines began to be widespread, others argued the opposite point of view equally strongly. Some texts are quite anti-women, more so than is the norm for texts from early Indian Buddhism. But other texts, especially in full-fledged Mahayana writings, go much further in proclaiming women's capabilities than almost any text from early Indian Buddhism. For various reasons, by the time the split between older forms of Buddhism and Mahayana Buddhism became clear-cut, those who argued that women could have great religious insights and spiritual attainments were usually in the Mahayana camp. The Mahayana camp also included some who expressed quite negative attitudes toward women. But no one who strongly advocated women's positive qualities seems to have been in the camp of the more conservative, older forms of Buddhism. This long-standing divide on women's issues is important today, for it is difficult to avoid the impression that the Mahayana forms of Buddhism provide more suitable ground for serious women practitioners and a feminist transvaluation of Buddhism than do the Theravada forms.



(...). Muitas vezes, os amigos e assistentes daquele que busca o treinamento incluem um número igual de mulheres e homens (Rita GROSS, 1993, p. 66, tradução nossa)¹⁹.

E nos sutras Mahāyāna, as mulheres não assumem apenas o direito de aprender, mas também de ensinar. No Aṣṭasāhasrikā Prajñāpāramitā lemos:

Subhuti: É de fato um grande mérito para esses filhos e filhas de boa família que eles venham a ouvir falar desta perfeição de sabedoria. Quanto maior será o mérito se eles a **assimilarem, lembrarem, recitarem, estudarem, difundirem, ensinarem, explicarem e dominarem** (Edward CONZE, 1975, p. 149, tradução nossa, grifo nosso)²⁰.

Esse detalhe pode passar despercebido, mas está implicado no trecho acima que as mulheres, assim como os homens, são capazes de assimilar, lembrar, recitar, estudar, difundir, ensinar, explicar e ter domínio sobre a perfeição de sabedoria. Essas capacidades estão longe de ser pouca coisa para qualquer ser senciente, que dirá para os seres femininos em um contexto em que muitos outros textos budistas faziam questão de deixar claro que as mulheres não possuíam sequer um oitavo dessas capacidades.

Especificamente com relação à capacidade de ensinar:

Bons filhos e filhas que ensinam os outros são chamados de “bom amigo / boa amiga” (*kalyanamitra*), um termo extremamente importante e caloroso no Budismo Mahayana. As mulheres, assim como os homens, assumem muito claramente o papel docente de uma “boa amiga”. (...).

¹⁹ First of all, one finds a subtle, but rather widespread, use of gender-inclusive and gender-specific language in many Mahayana texts. Sometimes one almost could imagine that some editor, sensitive to issues of genderinclusive language had sent out a policy statement requiring avoidance of the generic masculine. One frequently reads of “good daughters” as well as “good sons.” (These are dharmic, not kinship relationships. A good son or daughter has taken on the Bodhisattva disciplines of the Mahayana path.) Often the seeker’s friends and attendants include equal numbers of women and men.

²⁰ Subhuti: It is indeed a great gain to these sons and daughters of good family that they should even come to hear of this perfection of wisdom. How much greater the gain if they take it up, bear it in mind, recite, study, spread, teach, explain and master it.



As leigas também são retratadas nesse papel nos textos Mahayana. Um dos mais famosos sutras Mahayana, o *Srimaladevi*, retrata exatamente essa personagem. A rainha Shrimala, a professora de dharma deste texto, às vezes é descrita como uma Buda feminina porque seus ensinamentos são muito avançados e eficazes. Certamente ela também é um exemplo impressionante de uma “boa amiga” feminina. Dada a relutância em textos budistas anteriores em retratar as mulheres como grandes professoras para toda a comunidade budista, em vez de limitá-las a ensinar apenas mulheres, esses retratos Mahayana de professoras e “boas amigas” são inversões deliberadas de normas anteriores. Como a presença ou ausência de professoras é uma preocupação primordial em qualquer análise feminista do budismo, esses são retratos significativos, mesmo que reflitam personagens míticos e não históricos (Rita GROSS, 1993, p. 66-67, tradução nossa)²¹.

Esse é um exemplo de como a literatura Mahāyāna trouxe à tona personagens femininas fortes e sábias, que pudessem servir de inspiração às leitoras femininas.

Retomando nosso foco no Sutra do Coração, um detalhe interessante no uso da linguagem inclusiva na introdução das versões longas do sutra, é que em todas as versões o *bodhisattva* Avalokiteśvara sempre responde ao venerável Śāriputra que “Śāriputra, qualquer filho ou filha da linhagem que desejar praticar a profunda perfeição de sabedoria deve observar do seguinte modo...” (Plínio TSAI, 2016), porém não é em todas as versões que o venerável Śāriputra inclui as mulheres em sua pergunta.

Começamos pela nossa perícope na versão nepalesa, em sânscrito, datada de c. 1100, transcrição feita por Edward Conze²²:

²¹ Laywomen are also depicted in that role in Mahayana texts. One of the most famous Mahayana sutra-s, the *Srimaladevi*, depicts just such a character. Queen Shrimala, the dharma teacher of this text, is sometimes described as a female Buddha because her teachings are so advanced and so effective. Certainly she is also a stunning example of a female “good friend.”²⁷ Given the reluctance in earlier Buddhist texts to portray women as major teachers to the entire Buddhist community, rather than limiting them to teaching only women, these Mahayana portraits of female teachers and “good friends” are deliberate reversals of earlier norms. Since the presence or absence of female teachers is an overriding concern in any feminist analysis of Buddhism, these are significant portraits, even if they reflect mythic rather than historical characters.

²² Conze colocou os nomes próprios em maiúscula ao longo de sua transliteração do texto sânscrito para facilitar a localização destes.



atha-āyusmāñc Chāripuro buddhaanubhāvena Ārya-avalokiteśvaram
bodhisattvaṃ mahāsattvaṃ etad avocat:

yaḥ kaścit **kūlaputro vā kuladuhitā vā** asyāṃ gambhīrāyāṃ
prajñāpāramitāyāṃ caryāṃ cartukāmas tena kathāṃ śikṣitavyam?
evam ukta Ārya-avalokiteśvaro bodhisattvo mahāsattvo āyusmantam
Śāriputram etad avocat:

yaḥ kaścic Chāripura **kūlaputro vā kuladuhitā vā** asyāṃ gambhīrāyāṃ
prajñāpāramitāyāṃ caryāṃ cartukāmas tenaivaṃ vyavalokitavyam.
(Kazuaki TANAHASHI, 2014, p. 220, grifo nosso).

Em negrito, vemos as palavras *kūlaputro vā kuladuhitā vā*. A palavra *kula* remete a “linhagem”, “clã”, “família” e está adjetivando as palavras *putra* (filho) e *duhitā* (filha), que nessa frase estão declinadas no nominativo. O indeclinável *vā* cumpre a função de “ou”²³. Nessa versão, vemos que tanto na pergunta de Śāriputra quanto na resposta de Avalokiteśvara aparece *kuladuhitā vā* (ou filha da linhagem).

Passemos agora à mesma perícope em uma versão longa chinesa, datada de 790/792, traduzida por Prajna 般若 e Liyan 利言 (T253).

(5x) 即時舍利弗承佛威力合掌恭F.M敬白觀自在菩薩 摩訶薩言善男子若有欲學甚深般若波羅蜜多行者云何修行如是問已爾時觀自在菩薩摩訶薩告具壽舍利弗言舍利子若善男子善女人行甚深 般若波羅蜜多行時應觀五蘊性空 (Kazuaki TANAHASHI, 2014, p. 221, grifo nosso).

Em negrito e sublinhado, os ideogramas 善男子 (*shàn nánzǐ*) e 善女人 (*shàn nǚrén*). A palavra 善 (*shàn*) tem o sentido de bom, virtuoso, satisfatório, amigável e familiar. A palavra 男子 (*nánzǐ*) significa masculino e a palavra 女人 (*nǚrén*) significa mulher. Nessa versão, na pergunta de Śāriputra – 舍利弗 (*shèlì fú*) – vemos apenas 善男子 (*shàn nánzǐ*) – “bons homens” –, e é só na resposta do *bodhisattva* Avalokiteśvara – 觀自在菩薩 (*Guān zìzài púsà*) – que vemos ambos 善男子 (“bons homens”) e 善女人 (“boas mulheres”).

Em um artigo de Masamichi Fujita 藤田眞道, ele compara seis versões do sutra:

²³ Para a gramática sânscrita, ver DHAMMAJOTI, Kuala Lumpur (). Reading Buddhist Sanskrit Texts: An Elementary Grammatical Guide. Hong Kong: The Buddha Dharma Centre of Hong Kong, 2021.

- | | | | | | | | | |
|---------|----------|------------|-----------------|--------------------|------------------------|------|--------|---------------|
| 1. ath' | ayuşmāṇc | Chariputra | Buddhānubhāvena | āryāvalokiteśvaro | bodhisatvam | etad | avocaḥ | “ yaḥ kaś-cit |
| 2. ath' | āyusmaṇc | Chariputra | Buddhānubhāvena | āryāvalokiteśvaro | bodhisatvam | etad | avocaḥ | “ yaḥ kaś-cit |
| 3. ath' | āyusmāñ | Chāripuro | Buddhānubhāven' | āryāvalokiteśvaram | bodhisattvam | etad | avocat | “ yaḥ kaś-cit |
| 4. ath' | āyusma | Śāriputra | Buddhānubhāven' | āryāvalokiteśvaram | bodhisatvam | etad | avoca | “ yaḥ kaś-ci |
| 5. atha | khalu | āyusmāñ | Buddhānubhāven' | āryāvalokiteśvaram | bodhisattvam | etad | avocat | “ yat kaś-cit |
| 6. atha | khalv | āyusmāñ | Buddhānubhāven' | āryāvalokiteśvaram | bodhisatva-mahāsattvam | etad | avocat | “ yaḥ kaś-cit |
-
- | | | | | | | | | | | | | | |
|--------------|----|-------------|--------------------|--------------------|--------------|----------------|---------------|---------------|---------------|------|------|------|------|
| 1. kulaputra | | gambhīrāyāṇ | prajñā-pāramitāyaṇ | caryāṇ | cartu-kāmena | katham | śikṣitavyaḥ ? | ” | ṭ | evam | ukte | | |
| 2. kulaputra | | gambhīrāyāṇ | prajñā-pāramitāyaṇ | caryāṇ | cartu-kāmena | katham | śikṣitavyaḥ ? | ” | ṭ | evam | ukte | | |
| 3. kulaputro | | gambhīrāyāṇ | prajñā-pāramitāyāṇ | caryāṇ | cartu-kāmaḥ | katham | śikṣitavyaḥ ? | ” | ṭ | evam | ukta | | |
| 4. kulaputra | | gambhīrāṇ | prajñā-pāramitā- | caryāṇ | cartu-kamas | tena | katham | śikṣitavyam ? | ” | ṭ | evam | ukte | |
| 5. kulaputro | vā | śyāṇ | gambhīrāyāṇ | prajñā-pāramitāyā | cartu-kāmas | tena | katham | śikṣitavyam ? | ” | ṭ | evam | ukta | |
| 6. kulaputro | vā | asyāṇ | gambhīrāyaṇ | prajñā-pāramitāyāṇ | caryāñ | car(?)tu-kāmas | tena | katham | śikṣitavyam ? | ” | ṭ | evam | ukte |
-
- | | | | | | | | | | | |
|----------------------|-------------|------------|------------|-------------|------|--------|---------------|------------|-----------|----|
| 1. āryāvalokiteśvaro | bodhisatvo | mahāsatva | āyusmanta | Śāriputram | etad | avocaḥ | “ yaḥ kaś-ciḥ | Chāriputra | kulaputra | vā |
| 2. āryāvalokiteśvaro | bodhisatvo | mahāsatva | āyusmanta | Śāri-putram | etad | avocaḥ | “ yaḥ kaś-ciḥ | Chāriputra | kulaputra | vā |
| 3. āryāvalokiteśvaro | bodhisattvo | mahāsattva | āyusmantam | Śāri-putram | etad | avocat | “ yaḥ kaś-cic | Chāriputra | kulaputro | vā |
| 4. āryāvalokiteśvaro | bodhisatvo | mahāsatv' | āyusmantam | Śāri-putram | etad | avoca | “ yaḥ kaś-cic | Chāriputra | kulaputro | vā |
| 5. āryāvalokiteśvaro | bodhisattvo | mahāsattva | āyusmantam | Śāri-putram | etad | avocat | “ yat kaś-cic | Chāriputra | kulaputro | vā |
| 6. āryāvalokiteśvaro | bodhisatvo | mahāsatva | āyusmantam | Śāri-putram | etad | avocat | “ yaḥ kaś-cit | kulaputro | vā | |
-
- | | | | | | | | | | |
|-----------------|----|-------------|------------------------|--------------------|-------------|-------------|-------------------|-------------------|---|
| 1. kuladuhitā | vā | gambhīrāṇ | prajñā-pāramitāyaṇ | caryāṇ | cartu-kāmaḥ | tenova | vyavalokayitavyam | ḥ | |
| 2. kuladuhimīṭā | vā | gambhīrāṇ | prajñā-pāramitāyāṇ | caryāṇ | cartu-kāmaḥ | tenova | vyavalokayitavyam | ḥ | |
| 3. kuladuhitā | vā | gambhīrāyāṇ | prajñā-pāramitāyāṇ | caryāṇ | cartu-kāmas | tenāvaṇ | vyavalokayitavyam | ḥ | |
| 4. kuladuhitā | vā | gambhīrāṇ | prajñā-pāramitā-caryāṇ | cartu-kāmaḥ | tenāvaṇ | vyavalokya | | ḥ | |
| 5. kuladuhitā | vā | śyāṇ | gambhīrāyāṇ | prajñā-pāramitāyāṇ | cartu-kāmas | tenāvaṇ | śikṣitavyam | ḥ | |
| 6. kuladuhitā | vā | asyāṇ | gambhīrāyāṇ | prajñā-pāramitāyāṇ | caryāṇ | cartu-kāmos | tatrāva | vyavalokayitavyam | ḥ |

Trecho da perícope na análise de diferentes versões do *Hrdaya* por Fujita: 藤田眞道. 廣本般若心經の研究 1939, p. 19-21; montagem e destaque pela autora.





Ao observarmos a períclope na comparação linha a linha feita por Fujita, é notório que dentre as seis versões analisadas por ele, as quatro primeiras versões não trazem “filhas da linhagem” (*kuladuhitā vā*) na pergunta de Śāriputra, mas em todas as seis respostas de Avalokiteśvara, as “filhas” são mencionadas.

Uma versão longa do sutra, que é parte do cânone tibetano da coleção *sde dge* (ou *Derge*), foi traduzida por Jay Garfield em 2016 e brevemente comentada por ele, com base na transmissão oral que ele recebeu do Ven. Geshe Yeshe Thabkhas. Os comentários estão indentados para melhor distingui-los de nossa períclope, que está em itálico:

Através do poder do Buda, o venerável Śāriputra aproximou-se do nobre Avalokiteśvara e perguntou-lhe: “Como deve proceder um filho da nobre linhagem quando quer treinar na profunda disciplina da perfeição da sabedoria?”

(...)

O nobre Avalokiteśvara respondeu ao venerável Śāriputra: Se algum filho ou filha da nobre linhagem desejar treinar na profunda disciplina da perfeição da sabedoria, deve considerar as coisas da seguinte maneira: Nem todas as versões do sutra contrastam “filho” com “filho ou filha” dessa maneira. Escolhi este porque gosto do momento feminista inicial em que Avalokiteśvara repreende Śāriputra por sexismo. Observe a relação disso com o episódio em que Śāriputra é transformado por uma deusa em uma mulher no Vimalakīrti-nirdeśa-sūtra como punição por seu sexismo (Jay GARFIELD, 2022, tradução nossa)²⁴.

Ou seja, nesta narrativa, Śāriputra representa o *śrāvakayāna* (o veículo dos ouvintes), e Avalokiteśvara representa o *mahāyāna* (o “grande veículo”, que é o mesmo que *bodhisattvayāna*, o veículo dos

24 Through the power of the Buddha, the venerable Śāriputra approached the noble Avalokiteśvara and asked him, “How should a son of noble lineage proceed when he wants to train in the profound discipline of the perfection of wisdom?” / (...) / The noble Avalokiteśvara replied to the venerable Śāriputra: If any son or daughter of the noble lineage who wants to train in the profound discipline of the perfection of wisdom s/he should consider things in the following way: / Not all versions of the sūtra contrast “son” with “son or daughter” this way. I chose this one because I like the early feminist moment where Avalokiteśvara chides Śāriputra for sexism. Note the relation of this to the episode where Śāriputra gets transformed by a goddess into a woman in the Vimalakīrti-nirdeśa-sūtra as punishment for his sexism.



bodhisattvas). Quando Śariputra pergunta apenas sobre os “filhos” e Avalokiteśvara responde sobre “filhos ou filhas”, é como se o Mahāyāna estivesse se declarando como um caminho aberto às mulheres em oposição a outras correntes de pensamento budistas da época²⁵. Isso está de acordo com a observação de Rita Gross, de que “aqueles que argumentavam que as mulheres poderiam ter grandes *insights* religiosos e realizações espirituais estavam geralmente no campo Mahāyāna” (Rita GROSS, 1993, p. 57)²⁶.

O FEMININO NA VOZ DO SUTRA

Como já vimos, a menção a “filhos e filhas” está na introdução do sutra, portanto, consta apenas na versão longa, que é a versão encontrada no Tibete, Nepal e Mongólia. Curiosamente, esses são locais em que o código monástico, *vinaya*, praticado é o Vinaya Mūlasarvāstivāda, uma linhagem de votos que não preservou a ordenação plena feminina, ou seja, monjas ordenadas na tradição Mūlasarvāstivāda se ordenam apenas como *śrāmaṇeri*, e depois como *śīksamānī*, mas não podem tomar a ordenação completa, *bhikṣuṇī*, nessa tradição²⁷.

O país que preservou a ordenação plena feminina foi a China, com o Vinaya Dharmagupta. E na China, a versão mais comum do Sutra do Coração é a versão curta, na qual não existe o diálogo entre Śariputra e Avalokiteśvara, e na qual, portanto, não é mencionada a questão de filhos e filhas.

Mas a China tem um ponto de vista peculiar com relação ao Sutra do Coração. A principal voz no Sutra do Coração é a de Avalokiteśvara, que ensina como se deve praticar a profunda perfeição de sabedoria.

²⁵ Quando notei a ausência das “filhas” na pergunta de Śariputra pela primeira vez num texto em sânscrito tive a mesma impressão, e a partir de conversas com meu professor, Dr. Plínio Tsai, de quem primeiro aprendi a respeito de Śariputra e Avalokiteśvara como representações dos dois veículos – que concordou com a possibilidade e me incentivou a buscar as versões do sutra – me ocorreu a ideia do artigo. Fiquei feliz ao encontrar uma referência acadêmica que pudesse dar crédito a essa interpretação.

²⁶ those who argued that women could have great religious insights and spiritual attainments were usually in the Mahayana camp.

²⁷ Por isso atualmente muitas monjas tibetanas – e também monjas de escolas Theravāda engajadas – buscam o ordenamento pleno em tradições chinesas, viajando para Taiwan ou Hong Kong para tomar os votos.



Avalokiteśvara, que representa a compaixão de todos os budas – e que na Índia e no Tibete é representado em forma masculina –, na China assumiu a forma feminina de Guanyin / Kuan Yin 觀音. Esse processo começou a ocorrer a partir da dinastia Sung (960-1127), por influência do Sutra do Lótus, no qual é dito que Avalokiteśvara assume diferentes formas (trinta e três), para beneficiar diferentes tipos de seres, dentre muitos outros possíveis fatores (ver Barbara E. REED, 1992).

Um experimento interessante é fazer uma pesquisa simples pelos nomes que aparecem em versões chinesas para se referirem a Avalokiteśvara:

- Versão curta de Kumarajiva 鳩摩羅什 (T250) – chinês tradicional: 觀世音菩薩; chinês moderno: 世音菩; transliteração: Guānshīyīn Púsà (a palavra “púsà” é uma aproximação fonética chinesa do sânscrito “bodhisattva”). Ao buscarmos pelos caracteres 觀世音菩薩 (Guānshīyīn Púsà) no *Pleco Chinese Dictionary*, ele apresenta a variação em chinês moderno, com a seguinte definição: “*Guanyin, the Bodhisattva of Compassion or Goddess of Mercy (Sanskrit Avalokiteśvara)*”. Ao buscarmos por 觀世音菩薩 num buscador de imagens na internet, os resultados são massivamente as imagens femininas de Guanyin 觀音.
- Versão curta de Xuanzang 玄奘 (T251) – chinês tradicional: 觀自在菩薩; transliteração: Guān zìzài púsà (trata-se do mesmo nome encontrado no T253 e na versão de Duanhang de Amoghavajra). Ao buscarmos por 觀自在菩薩 (Guān zìzài púsà) no *Pleco Chinese Dictionary*, ele dá os significados de cada palavra individualmente. Ao buscarmos por 觀自在菩薩 num buscador de imagens na internet, os resultados começam com a figura andrógena do Avalokiteśvara chinês – sentado de maneira reclinada, com um braço apoiado sobre um dos joelhos –, e logo começam a aparecer muitas imagens de Guanyin.

Em seu livro sobre o Sutra do Coração, Tanahashi afirma:

O bodhisattva Avalokiteshvara, que é invocado no início do Sutra do Coração, é geralmente considerado como uma mulher no leste da Ásia (embora o mundo indo-tibetano ainda veja Avalokiteshvara como



um homem). Assim, podemos dizer de maneira limitada que “ela” é uma deusa do amor-bondade. Na verdade, ela é a personificação do amor-bondade. (Kazuaki TANAHASHI, 2014, p. 23, tradução nossa)²⁸.

Quando li esse parágrafo de Tanahashi, eu – com minha formação de base indo-tibetana que está acostumada a ver Avalokiteśvara como uma figura masculina e com meu treinamento Geluk que me incentiva a questionar – duvidei. Julguei que talvez ele estivesse forçando tal interpretação.

Porém, dias depois, durante a quarta aula da disciplina *Buddhist Ethics and Meditation*, do curso *Diploma in Pali and Buddhist Studies*, do *Buddha Dharma Centre of Hong Kong*, em conjunto com a *University of Kelanya*, na qual a Profa. Dra. Ngar-Sze Lau 劉雅詩 estava explicando sobre a ética do Mahāyāna, ela chegou a mencionar a transformação de Avalokiteśvara em Guanyin. Era a minha chance. Abri o microfone e perguntei a ela se, sendo uma chinesa e tendo crescido exposta a uma cultura na qual Avalokiteśvara é Guanyin, se ao ler o Sutra do Coração ela imaginava uma figura masculina ou feminina. A resposta dela foi: “Feminina, com certeza, a qualidade feminina de Bodhisattva”. Fiquei em choque.

É claro que se trata da resposta de apenas uma pessoa com quem tive a chance de falar a respeito. Pode ser, inclusive, que eu não tenha me expressado bem e ela não tenha compreendido corretamente a minha pergunta. Mas mesmo que não se possa afirmar qualquer coisa com alguma firme certeza com base nisso apenas, ainda assim considero válido passar por esse estranhamento. O estranhamento de cogitar a possibilidade de que a voz que imaginamos ouvir ao lermos o Prajñāpāramitāhṛdaya – voz de *bodhisattva mahāsattva* com grande compaixão, que realizou a *sūnyatā* de todos os fenômenos e que ensina a respeito – seja uma voz feminina. E por que não?

²⁸ The bodhisattva Avalokiteshvara, who is invoked at the beginning of the Heart Sutra, is usually regarded as a female in East Asia (though the Indo-Tibetan world still sees Avalokiteshvara as a male). So, we can say in a limited manner that “she” is a goddess of loving-kindness. In fact, she is loving-kindness personified.



BIBLIOGRAFIA

BSTAN-DZIN-RGYA-MTSHO, Dalai Lama XIV. *A Essência do Sutra do Coração*. São Paulo: Gaia, 2006.

CABEZÓN, José Ignacio. *Mother Wisdom, Father Love: Gender-based Imagery in Mahayana Buddhist Thought*. In: CABEZÓN, José Ignacio (Ed.). *Buddhism, Sexuality and Gender*. New York: State University of New York Press, 1992, p. 181-199.

CONZE, Edward (Translator). **The Perfection of Wisdom in Eight Thousand Lines & Its Verse Summary**. Four Seasons Foundation: Bolinas, California, Second printing, with corrections, 1975.

DHAMMAJOTI, Kuala Lumpur (法光). **Reading Buddhist Sanskrit Texts: An Elementary Grammatical Guide**. Hong Kong: The Buddha Dharma Centre of Hong Kong, 2021.

FUJITA, Masamichi. 藤田眞道. 廣本般若心經の研究. *Journal of Esoteric Buddhism*, 1939 (70), L1-L32, 1939. Association of Esoteric Buddhist Studies. DOI: 10.11168/jeb1918.1939.70_L1; ISSN: 18843441<https://www.jstage.jst.go.jp/article/jeb1918/1939/70/1939_70_L1/_pdf/-char/ja>. Acesso em 15 maio de 2022.

GARFIELD, Jay (Translation). **The Heart of Wisdom Sūtra Bhagavatī-Prajñāpāramitā-Hṛdaya-Sūtra: From sDe dge Tibetan, with Brief Commentary**. Disponível em: <<https://jaygarfield.files.wordpress.com/2016/08/the-heart-of-wisdom-succ84tra-with-commentary.pdf>>. Acesso em 20 maio de 2022.

GROSS, Rita M. **Buddhism After Patriarchy: A Feminist History, Analysis, and Reconstruction of Buddhism**. New York: State University of New York Press, 1993.

NATTIER Jan. *The Heart Sutra: A Chinese Apocryphal Text?* **The Journal of the International Association of Buddhist Studies**, Volume v. 15, Number n. 2, p. 153-223, 1992.

REED, Barbara E. *The Gender Symbolism of Kuanyin Bodhisattva*. In: CABEZÓN, José Ignacio (Ed.). *Buddhism, Sexuality and Gender*. New York: State University of New York Press, 1992.

SHIH-FOONG, Chin (Trad.); YUN, Ji (Autor). **Is the Heart Sūtra an Apocryphal Text? – A Re-examination**. 8 Mar 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/49287276/Is_the_Heart_S%C5%ABtra_an_Apocryphal_Text_A_Re_examination>. Acesso em 15 maio 2022.

TANAHASHI, Kazuaki. **The Heart Sutra: a comprehensive guide to the classic of Mahayana Buddhism**. Boston & London: Shambala, 2014.

TSAI, Plinio Marcos (Tradução). **Bhagavatī Hrdaya Prajnaparamita Sutra: Sutra do Coração da Perfeição de Sabedoria**, Valinhos: ATG, 2016. ISBN: 9788568091159

Submetido em: 25-5-2023

Aceito em: 12-11-2023